

# A treze verões do fim do século

Francisco de Mello Franco

**H**á mais de dois séculos Kant já compreendia e mostrava que o problema mais importante que se coloca para a espécie humana, e que a natureza força o homem a resolver, é o de criar uma sociedade civil, aplicando o Direito de forma universal. Lembrava Kant que a tarefa suprema que caberia à espécie humana seria a instauração de uma sociedade em que a liberdade se encontrasse ligada inextricavelmente a uma constituição civil, perfeitamente equitativa, para que a natureza pudesse realizar, com relação à humanidade, todos os projetos para ela nutridos, na linha do seu supremo destino. Na mesma época, Schiller referia-se a essa construção, dizendo-a o mais sagrado dos bens, o mais digno dos esforços, o centro de toda a cultura. E sustentava que esse esplêndido edifício não poderia jamais ser elevado senão sobre as bases de um caráter enobrecido, pelo que acreditava que se deveria começar por criar cidadãos para uma constituição, antes de se poder dar uma constituição aos cidadãos.

Penso muito na crescente dificuldade de construir-se uma forte sociedade civil, em tempos como os que vamos percorrendo, de indiferença moral, fragilidade ética, descrença religiosa, violência generalizada, corrupção desenfreada, ceticismo profundo. Como construir, se para tanto são indispensáveis tantos valores marginalizados, como fé, energia, credibilidade, honradez, espírito público, determinação, coragem, hombridade, cultura, humildade, desapego? Não que o fenômeno de deliquescência de valores só se venha passando entre nós, é claro. Mas o que se nota é que tal fenômeno, ao ocorrer nos países chamados desenvolvidos, isto é, naqueles que puderam se organizar antes da onda avassaladora de descréditos, não lhes abala mais as estruturas, edificadas a tempo, e, se bem que lhes traga um travo amargo de infelicidade na fatura, não lhes faz o mal que a nós, acarreta, pois nos imobiliza e nos ameaça com a aterradora perspectiva do fracasso e da desordem, nesse fim de século.

Estamos a treze verões do ano 2000. Em várias manifestações de macropolítica, já vão povos e correntes de pensamento se preparando para o cruzamento da fronteira próxima. Nos Estados Unidos, Reagan parece ser o último presidente característico do século que se extingue. Seu sucessor, à vista do cansaço produzido pelos oito anos do exaurido modelo que preconizou, será — prevêem os estudiosos — o homem da transição para o futuro; na União Soviética, o homem da transição já chegou. Gorbachev é porta de entrada no século XXI; o Japão já está lá, na frente de todos. Para ele, o século XX termina agora, e esbanja competência, mostrando como vai longe das tormentas em

que se enredou, típicas do tempo decrépito de que foi um dos trágicos artífices; a Inglaterra, pelas imprevisíveis mãos de uma enérgica conservadora, cujo charme é a ausência de charme, vai também saindo do século de seu doloroso declínio, de armas novas e com renovadas esperanças.

E o Brasil? Debatem-nos em humilhante atraso político. Os partidos são meras exigências eleitorais, o processo ceva-se na disputa dos cargos públicos, vistos como roteiro de ascensão social, e alavanca fisiológica de apoio eleitoral. No debate da coisa pública, a incompetência é pasmante. Esmeram-se os políticos em não dar opiniões, ou dá-las da maneira mais tosca, em grande parte por incapacidade ou preguiça de promover as análises profundas que suas responsabilidades exigiriam. Vi, por exemplo, bestificado, ao referir-se ao chamado Plano Bresser, um conjunto complexo de diagnósticos psicossocioeconômicos, análises conjunturais das situações nacional e internacional, e proposições complexas de políticas monetária, fiscal, salarial, industrial etc., o simpático ex-governador Brizola, que pela vastidão do assunto, e por sua determinação de fazer oposição sistemática ao Governo, muito poderia falar, censurar, ironizar, atacar, pois quaisquer planos sobre assuntos tão vastos e polêmicos são passíveis de muitas críticas, lançar tão-somente um piedoso sorriso sardônico, e, num gesto com as mãos, dizer do dito cujo que ... "ele é como uma mola, que se comprime assim, e depois volta, assim ..." Que diabo, senhor! Que explicação, caramba! E, aí, lembrei-me do mundo desenvolvido, dos homens aboletados em seus computadores e laboratórios, dos cientistas, dos mestres, dos escritores, dos poetas, e fiquei triste.

Na Constituinte, o quadro é paralelo. Se bem que lá existam homens de valor, está faltando a compreensão exata da dramaticidade da hora. Até agora, a Assembléia parece não haver ainda estruturado a consciência plena de que tem nas mãos o poder extraordinário de construir as bases do Brasil de amanhã, como tiveram os homens que na Filadélfia fizeram os EUA; ou que mais recentemente tiveram, na Consulta, os italianos, em 1944; no Conselho Parlamentar, os alemães, em 1948; na Assembléia Nacional e no Conselho da República, os franceses, em 1958; na Comissão Constitucional Interpartidária, os espanhóis, em 1977; e outros mais.

Não podemos fracassar. Seria um desastre histórico, sem retorno. E compreenda-se como fracasso não a incapacidade de chegar-se a um texto, mas principalmente a chegada a um texto incapaz. Esse, o grande, o insuportável perigo, que precisa ser evitado a qualquer custo, em nome da esperança de todos os brasileiros.